

DA NATUREZA *HOSTIL* À NATUREZA *DOMINADA* : Reflexões sobre alguns aspectos ideológicos da relação natureza e sociedade

ANGELA MARIA ENDLICH¹

RESUMO: Reflexões sobre a concepção ocidental de natureza e seus aspectos ideológicos.

PALAVRAS-CHAVES: natureza, sociedade, ideologia

OF THE HOSTILE NATURE TO THE DOMINATED NATURE: Reflections on some ideological aspects of the relationship nature and society

ABSTRACT: Reflections about the occidental's conception of nature and it's ideologys aspects.

KEY WORDS: nature, society, ideology

O homem é a natureza tomando consciência de si mesma. (Élisée Reclus)

Se este breve texto propõe trazer alguma contribuição, o faz, talvez pretensamente, no sentido de concorrer para o trabalho de desmistificação de discursos ideológicos. Com base em Smith (1988) quanto à concepção ocidental de natureza, procura-se refletir e problematizar sobre alguns pontos dos entendimentos nela presentes, bem como seus respectivos usos permeados por ideologia.

No meio acadêmico, por uma acentuada divisão do trabalho, separaram-se aqueles que se especializam em aspectos das ciências naturais daqueles que se especializam nas ciências sociais. Na Geografia, ciência considerada por muitos como interface entre estas duas esferas do conhecimento, também houve uma fragmentação, constituindo-se a Geografia física e a Geografia humana. Isto cercou o conhecimento em ambiciosas áreas acadêmicas, verdadeiras instâncias apropriadoras de partes da *realidade*, como *objetos de estudos*.

É preciso lembrar que se há essa possibilidade tão intensa de divisão do trabalho que atinge a academia, esta se deve a toda uma produção histórica em que o homem, que também é natureza, passou a conhecê-la e buscar o seu controle no sentido de disponibilizá-la para o seu progressivo conforto. Diante desta realidade, nada parece mais elucidativo que a afirmação de Réclus (Andrade, 1985: 38): "*O homem é a natureza tomando consciência de si mesma*". Ao passo que produz conhecimento sobre outros elementos naturais e age sobre os mesmos, o homem produz, também, outras condições para a própria existência.

Engels discute, detalhadamente, o processo pelo qual o homem se constitui enquanto tal. Este foi adquirindo sua forma através do trabalho social, desenvolvendo sua corporalidade. Atuando sobre a natureza externa a ele, modificou sua própria natureza. Este conhecimento da natureza fez com que o homem se emancipasse, ao menos parcialmente dessa. Ao passo que tal emancipação trouxe a possibilidade de fragmentar as atividades humanas, inclusive no que se refere ao trabalho intelectual, tal divisão se mostra tão intensa que, academicamente, conforme lembra Smith (1988), teóricos têm drásticos

¹ Professora do DGE/UEM e doutoranda no programa de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente-SP.

problemas conceituais em realizar uma integração do espaço e da sociedade, enquanto o capital parece realizá-la na prática, cotidianamente.

Não tratar a sociedade e natureza como mera contraposição continua sendo um desafio. Superar tal desafio deve se orientar pela compreensão dialética já que o conhecimento e a ação humana modificaram o meio e, simultaneamente, o próprio homem, conforme já se assinalou.

A NATUREZA HOSTIL

Smith explica que a transformação global da natureza pelo capitalismo industrial domina tanto o consumo físico quanto intelectual da mesma. Isto significa que o uso econômico da natureza encontra respaldo nas acepções teóricas. Num primeiro momento a natureza, vista como externa ao homem, é considerada como algo separado dos processos que existem na sociedade. Nesta maneira de ver a natureza como exterior e hostil, ela consiste em algo a ser dominado e manipulado. Afirma Smith (1988: 37): "*O sertão é a antítese da civilização; ele é estéril, terrível, até mesmo sinistro, não tanto por ser a morada do selvagem, mas por ser seu habitat 'natural'. O natural e o selvagem eram uma coisa só; eles eram obstáculos a serem vencidos na marcha do progresso e da civilização.*" Conforme o mesmo autor, esta visão da natureza teve (e pode se dizer que tem ainda) a função social de legitimar o ataque a mesma. Esta concepção de natureza pode ser facilmente encontrada nas histórias de ocupação de regiões, origens de cidades e municípios, são pretensos² documentos do processo denominado de *colonização*.

Neste tipo de publicação, encontram-se referências notavelmente hostis à natureza, como : a Serra do Mar, odioso estorvo aos desejos de penetração; encostas rudes a serem galgadas; sertões inóspitos; florestas assustadoras, matas a serem domadas e, então, pioneiros valentes³. Nestes relatos ao lado da rude natureza, comparecem sempre algumas figuras *heróicas* - os domadores. Não há como negar o mérito dos homens que primeiro chegaram aos locais que hoje constituem núcleos urbanos e áreas dotadas de infraestrutura e conforto tecnológico. Entretanto, não há também como negar que estes representaram e representam agentes capitalistas - principalmente aqueles que conseguiram manter seu nome na história oficial⁴-e que contribuíram para o desenvolvimento desta sociedade com todas as suas contradições. O papel de leituras ideológicas consiste justamente em camuflar tais contradições.

Diante da natureza ameaçadora, o herói é o desbravador. Assim, surgem figuras notáveis nas histórias oficiais. Afinal desbravar é tornar manso, domar, amansar... Não é raro encontrar estes heróis posando ao lado de troncos enormes, sendo que quanto maior o tronco da árvore derrubada mais hostil parecia a natureza, o que acaba atribuindo maiores méritos ao seu dominador.

É indispensável assinalar que, juntamente com essa maneira ideológica de ver a natureza, há uma outra ideologia, afinada com esta, que coloca estes homens enfrentadores da rude natureza como *predestinados*.

A *predestinação*, compreendida como dádiva que caracteriza alguns heróis capitalistas, é parte de um conjunto de idéias, que baseadas em Weber⁵, toma por elemento explicativo das diferenças sociais a índole individual, com extrema valorização do trabalho e da prática de uma profissão (entendida como vocação). Sendo assim, a criação de

² Pretensos porque deixam muitas lacunas ao contar a história de maneira ideológica, cheia de heroísmo.

³ Estes termos foram retirados de algumas histórias de municípios ou de empresas colonizadoras do Paraná.

⁴ Já que muitos desses *valentes* são trabalhadores que se tornam anônimos, alienados do trabalho que realizaram e alienados da história e geografia que ajudaram a produzir.

⁵ Max Weber, considerado como um dos clássicos da sociologia. Sua teoria é considerada como uma das *correntes* explicativas do capitalismo.

riquezas pelo trabalho e poupança é interpretada como um sinal de que o indivíduo pertence a um seletivo grupo de *predestinados*⁶.

O empreendedorismo, o proveito do tempo, a renúncia ao prazer, ao desperdício e ao esbanjamento constituem o *espírito capitalista*. Sob a ótica weberiana compreende-se o capitalismo como civilização ocidental, dotada de racionalidade, o que permitia vê-la como superior às demais e, assim, justificar o seu avanço e implementação com abrangências espaciais cada vez mais amplas.

Essa teoria respalda o discurso de versões mais *oficiais* da história, permeadas de heroísmo dos *predestinados*. É assim que se encontram afirmações de que atividades colonizadoras não foram um negócio, mas uma destinação histórica.

Questionar os aspectos ideológicos não invalida a história, nem nega os autores dos empreendimentos, apenas contesta a forma cheia de heroísmo e ufanismo com que a mesma é contada, ocultando os conflitos existentes.

A NATUREZA DOMINADA E POETIZADA

Retomando a questão da natureza e sociedade e o seu consumo intelectual no mundo ocidentalizado, Smith (1988: 37) demonstra uma segunda concepção:

(...) como a natureza selvagem foi domada, a natureza exterior assumiu uma aparência menos ameaçadora. O desbravamento da natureza ensejou sua dissecação mais cuidadosa nas mãos da ciência; o fascínio substituiu o temor. (...) Enquanto a natureza selvagem da fronteira era hostil, a natureza humanizada exaltada pelo movimento de 'volta a natureza', do século dezenove, era a quinta-essência da amidade.

Esta maneira, também ideológica de entender a natureza, tem outros protagonistas, e não mais os *desbravadores* do sertão. São os habitantes urbanos que passam a poetizar a natureza. Lembra o mesmo autor que são figuras como os literatos, segurando canetas - e não os pioneiros com machados - que tentam promover a reconciliação da sociedade com a natureza (ainda vista como exterior ao homem). Como resultado, o culto à natureza tornou-se mais que usual, necessário. Concretamente, esse culto manifesta-se nos locais *alternativos* (florestas, montanhas...), através de várias atividades como: estadia de férias ou feriados; prática dos esportes radicais; criação de áreas de lazer em espaços naturais, rurais, ou até mesmo a implementação de parques nas áreas urbanas. São nessas atividades e na *fuga* da cidade nos fins de semana que a visão de natureza, inerente ao movimento de retorno a ela, encontra sua expressão contemporânea (Smith, 1988:38). Com esta natureza *domesticada*, as referências de hostilidade ficaram reservadas apenas para fenômenos esporádicos como os furacões, enchentes e outros.

Tomando por referência a cidade de Maringá, é nítido como essa reconciliação com a natureza é promovida com a arborização urbana nas ruas e nos parques, que se tornaram a marca da cidade. Se as fotos do passado ilustravam a primeira visão ideológica da natureza, e consistia em árvores derrubadas, mostrando a hostil natureza sendo vencida; atualmente fotos dos parques e das ruas das cidades, cheias de árvores mostram como esta reconciliação com a natureza ocorreu. Ela é poetizada, valorizada. Quando as árvores com flores coloridas criam uma paisagem, inegavelmente deslumbrante, a poesia paira no ar da cidade, inspirando as canetas dos poetas. Entretanto, esta forma de culto à natureza também a coloca como exterior ao homem e omite aspectos ideológicos.

⁶ A sistematização desta teoria é encontrada de uma maneira muito didática no livro de Catani, A.M. *O que é capitalismo*.

Para explicitar estes aspectos Smith (1988:42) vincula a natureza romantizada e a natureza danificada pelo progresso industrial. Segundo ele

O romantismo dos EUA do século dezenove era uma resposta direta à objetivação bem-sucedida da natureza no processo produtivo. Isto é verdadeiro em dois sentidos. Primeiro, a 'romantização' da natureza não era mesmo possível enquanto ela não estivesse substancialmente subjugada, pois enquanto a maior parte dos americanos estava combatendo a natureza como um meio de sobrevivência, o romantismo teria sido loucura, até mesmo um suicídio. Não se afaga uma cascavel até que se lhe arranquem as presas; somente então pode-se levá-la para lugares onde todos podem se maravilhar com sua beleza natural.

Smith faz alusão, ainda, à concepção feminina da natureza, assinalando que nenhuma metáfora parece mais consagrada ou arraigada quanto a da feminilidade da natureza. O autor indica como extraordinário que o tratamento das mulheres na sociedade capitalista iguale-se ao tratamento da natureza. Ambas – a natureza vista como exterior ao homem e a mulher – são consideradas como objetos que se tenta dominar, oprimir e, ao mesmo tempo, romantizar. Constituem objetos de conquista com idolatria e culto. Em ambos os casos, a romantização é uma forma de controle.

Esse romantismo com que a natureza é tratada associa-se a visão ecológica que, embora reconheça que *o 'homem destrói a natureza'*, trabalha com uma concepção genérica e abstrata do homem e coloca toda a humanidade no banco dos réus (Passos, 2001: 37). Não se questiona que homem destrói a natureza, não se procuram os agentes concretos de ações que levam a tal destruição. Desta maneira, como tem sido contraditório, dentro da lógica capitalista, corrigir os impactos ambientais negativos, ou evitá-los, definem-se áreas de preservação intocáveis, consideradas como santuários ecológicos⁷. Na região Norte do Paraná, enquanto a reconciliação com a natureza ocorreu com a implementação de parques e algumas áreas para lazer, a maior parte da região tem sérios problemas ambientais, como o excessivo desmatamento ocorrido para a instalação de culturas agrícolas (principalmente soja), comprometendo, até mesmo, as matas ciliares, cuja ausência leva a poluição das águas da região, inclusive daquelas que abastecem as cidades.

A romantização e sacralização da natureza têm como limites pragmáticos defender os santuários criados, já que parece ser intransponível a superação dos obstáculos, no sentido de vislumbrar uma melhor relação com a natureza em todo o espaço geográfico. Assim, enquanto algumas áreas continuam sendo brutalmente atacadas, outras se tornam santuários intocáveis. Isto decorre de um grande desafio que se coloca para a sociedade, no contexto do capitalismo: o de *sustentabilidade* ambiental e social deste modo de produção. Embora muito tenha se discutido sobre desenvolvimento sustentável, inclusive com proposição de documentos, como *Agendas 21* para diversas escalas espaciais, poucas ações tornam-se concretas e eficazes, mostrando o caráter contraditório com que o capitalismo opera com a natureza e com a sociedade.

Para encerrar, reforça-se a idéia de Smith (1988:45) de que o conceito de natureza é um produto social, com funções sociais e políticas:

Isso é o que queremos dizer com 'ideologia' da natureza. (...) A ideologia não é simplesmente um conjunto de idéias erradas, mas sim um conjunto de idéias radicadas na experiência prática, embora seja a experiência prática de uma dada classe social que vê a realidade através da sua própria perspectiva e, ainda assim, de forma parcial. Embora seja, dessa forma, uma reflexão parcial da realidade, a classe tenta universalizar sua própria percepção do mundo.

⁷ Como por exemplo os 44 Parques Nacionais existentes no Brasil.

É com o intuito de que tais percepções do mundo não perpetuem como únicas, não só no campo das idéias e discursos, mas nas práticas cotidianas, que é imprescindível ler nos discursos, falados ou impregnados como marcas, seus aspectos ideológicos, justamente porque tentam justificar ações que se materializam, produzindo realidades ambiental e socialmente contraditórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M.C.A (organizador). *Élisée Reclus*. São Paulo: Ática, 1985, 200 p. Coleção os grandes cientistas sociais, 49.
- CATANI, A.M. *O que é capitalismo*. São Paulo: Brasiliense. 1999, 34ª edição, Coleção primeiros passos, 4.
- COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. *Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná*. si., 1975, 295 p.
- ENGELS, F. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. São Paulo: Global, s/d, p.9-27. Universidade Popular 4.
- PASSOS, M.M. dos. Meio ambiente e desenvolvimento humano. *Boletim de Geografia*, v.19(1), 2001, p.35-44.
- SMITH, N. *Desenvolvimento desigual*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, 250 p.

KEY WORDS: *historical politics, urban development, land use.*

INTRODUÇÃO

Discutindo os conceitos de política, o autor desenvolve a política pública de forma mais especificamente a partir de um estudo de caso local. Contudo, Londres e Mataga Tendo como foco, que a política pública de história é um dos mais importantes nos contextos públicos, a que envolve grande número de questões, para um planejamento, buscando avaliar o desempenho da gestão municipal que, em teoria, deveria de maior soma de recursos e infraestrutura técnica e operacional para melhorar as condições para segmentos sociais em risco de exclusão social por meio de planejamento desigual.

Um elemento estruturante do texto refere-se ao fato de que, mudanças de governo local no Brasil decorrentes, após a promulgação de Constituição de 1988, com o processo de descentralização administrativa de poderes, passou de âmbito de municipalização foram desolvidas em diferentes níveis, nos municípios de âmbito estadual e federal. Após 17 anos de promulgação da Carta, observamos mudanças de a responsabilidade e poderes, em qual âmbito municipal de política pública, a se tornou um

¹ O artigo apresentado faz parte de um projeto de pesquisa intitulado "Política Pública Municipal: gestão municipal e população", coordenado pelo autor.